

Corações ardentes, pés que caminham rumo à Hospitalidade



**Semana Missionária
16-22 de outubro de 2023**



Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.

Semana Missionária Hospitaleira

16-22 de outubro de 2023

Segunda-feira, 16 de outubro

Os fossos sociais, a pobreza, as migrações forçadas... continuam a aumentar. Parece impossível deter a degradação do ambiente provocada pelos modelos de produção de bens e de estilos de vida propagados pelo capitalismo consumista globalizante. Mantêm-se e multiplicam-se os conflitos bélicos, mesmo em lugares onde pareciam ter desaparecido como alternativa de resolução de conflitos. A política global não amadureceu o suficiente para governar o mundo em função do interesse comum da Humanidade.

Recordámos como a injustiça estrutural gera situações de desencontro. O desafio da missão que recebemos consiste em dar passos efetivos rumo à fraternidade e à paz. **Desenvolver a dimensão do encontro no âmbito das culturas em que encontramos sentido para a nossa vida torna-se, portanto, uma exigência sem a qual não é possível seguir em frente.** O encontro é a dimensão das culturas que contribui para superar as injustiças, transformar a sociedade e para nos reconciliarmos como pessoas, povos e com o ambiente em que a vida se desenvolve.

Através das culturas, as pessoas e os povos encontram e dão sentido às suas vidas. **A Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, fornece uma descrição clara do que está incluído na palavra cultura.** Dela se desprende a realidade e a importância da pluralidade cultural no passado, no presente e no futuro da humanidade.

A Boa Nova de Jesus Cristo apresenta-se como luz para todas as culturas humanas. Não há dúvida de que Jesus nasceu, cresceu e viveu numa determinada cultura, mas o seu Evangelho transcende todas as fronteiras culturais. Ele e, embora com dificuldade, os seus discípulos compreenderam que a Palavra de Deus se dirige a todos os seres humanos e a todas as culturas. É possível encarnar o Evangelho em todas e cada uma das culturas humanas. Como o fermento que penetra na massa, o Evangelho encarna-se nas culturas e abre a possibilidade do encontro com Deus, com os nossos irmãos e irmãs e com a natureza. Todas as culturas têm necessidade deste encontro de cura para crescerem em humanidade. As religiões são uma parte importante do sentido, dos símbolos e dos significados dados à vida de um grupo humano, através da cultura.

As relações humanas concretizam-se no devir da história e são, por isso, dinâmicas e mutáveis. Por conseguinte, as culturas movem-se, não existem por si mesmas nem fazem parte de uma espécie de genética social que se transmite de modo inalterado de geração em geração. É simultaneamente pessoal e partilhada. **Cada pessoa, única e irrepitível, identifica-se através da cultura.** Ao mesmo tempo, trata-se de uma identidade socialmente partilhada com outros seres humanos, cada um dos quais é também único e irrepitível.

A multiculturalidade reconhece a **diversidade** cultural como uma riqueza humana, favorece a coexistência entre as diferentes culturas e promove a sua conservação. **A multiculturalidade é uma experiência complexa e fecunda de encontro entre seres humanos culturalmente diferentes.** Ao mesmo tempo, reflete a necessária tensão entre as raízes locais de cada ser

humano, ou grupo social, e a perspectiva universal que gera a identidade global e a cidadania universal.

Revista *La Civiltà Cattolica*

Terça-feira, 17 de outubro

Os desafios que se apresentam à missão da Igreja

Mons. Mário Iceta observou que **as comunicações desta Semana de Missiologia procurarão responder aos principais desafios que se colocam hoje à missão da Igreja**, num tempo marcado pela pandemia e por guerras. "Na comunicação intitulada «*O povo de Deus, um povo migrante*», vemos que uma das características do nosso mundo atual é a deslocação das pessoas, em grandes movimentos migratórios que mudam a configuração das sociedades. Do mesmo modo, numa outra comunicação, intitulada «*As fronteiras da missão ad gentes e a missão inter gentes*», sublinhou-se que as sociedades de hoje não são homogêneas, que existe uma mestiçagem, e esta é também uma segunda característica das sociedades atuais que exige de nós reflexão e aprofundamento”.

O testemunho é a melhor pedagogia para a missão

Por fim, Mons. Mario Iceta indicou **a pedagogia de hoje para a missão** e as formas para transmitir o Evangelho. **"O Papa adverte-nos sempre de que a missão não se faz por proselitismo, mas por contágio**, pelo testemunho, por atração, mostrando os caminhos ínsitos no coração humano. Portanto, estas seriam também hoje as novas pedagogias e as novas formas que as outras configurações culturais exigem para que possam receber a semente de Cristo com alegria e em plenitude”.

Afirmou ainda que **é importante despertar a consciência missionária de sermos anunciadores e testemunhas do Senhor**: ver como podemos obtê-la e formá-la é também um desafio muito importante, **não só para a missão ad gentes, mas igualmente para o nosso próprio testemunho quotidiano na vida normal**. O Papa Francisco diz a cada um de nós: “não é verdade que a tua vida *tem* uma missão: a tua vida *é* missão”. Por isso, afirma o prelado, devemos despertar a consciência missionária que nasceu e cresceu nos nossos corações desde o dia do nosso batismo: nesse dia, fomos constituídos discípulos do Senhor. Estar com Ele, aprender d'Ele, adquirir os seus mesmos sentimentos, deixarmo-nos transformar por Ele e pelo dom do seu Espírito. Ao mesmo tempo, o estar com Ele e o envio a anunciar o Evangelho não é algo que vem depois, mas é antes a outra face da mesma moeda: o discípulo é sempre missionário.

Por isso, **devemos reavivar esta consciência missionária**, como afirma o Concílio Vaticano II na *Dei Verbum*: assim como o Senhor tornou presente o seu Reino mediante gestos e palavras, também a nossa vida deve proceder da mesma forma e com um testemunho da presença do Senhor em nós, com humildade de pequenos servos inúteis, como diz o Evangelho, mas também como aquele fermento na massa que é capaz de levedar uma civilização e uma sociedade.

A alegria das testemunhas do Senhor

Mons. Mário **enviou uma mensagem aos missionários do mundo inteiro**. “Uma palavra muito simples do Senhor: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim dos tempos». E, recordem-se da passagem do Evangelho em que o Senhor diz: «Não vos alegréis porque os espíritos vos obedecem: alegrai-vos, antes, por estarem os vossos nomes escritos no céu», o que **representa para nós um orgulho saudável pelos nossos missionários: estamos com eles, admiramos a sua tarefa e queremos acompanhá-los, apoiá-los, ajudá-los em tudo o que precisarem**, e queremos que se sintam muito acompanhados, muito encorajados por todo o povo de Deus e, antes de mais, que sejam sustentados sobretudo pela força do dom do Espírito, que os envia, os ampara, os enche de paz e de esperança”.

Mons. Mario Iceta, Bispo de Burgos.

Quarta-feira, 18 de outubro

Sinodalidade missionária

A sinodalidade missionária assinala uma abordagem sistémica da realidade pastoral: não somos simplesmente convidados a considerar um determinado aspeto da nossa existência e missão, mas chamados a assumir um modo alternativo e profético de habitar o mundo e de trabalhar juntos, como Igreja. Os jovens pediram-nos com grande força esta conversão fraterna e missionária, em que o facto de caminharmos juntos é já um sinal da presença do Reino de Deus no meio de nós. Porque é precisamente no caminho realizado em conjunto que há cura e conversão.

A sinodalidade, se pensarmos bem, é um jogo a três. A nota explicativa sobre a "sinodalidade missionária" que se lê na Exortação *Christus vivit* diz isso muito bem: quando falamos de sinodalidade não estamos a propor uma versão democrática da Igreja, nem a ceder perante o tema da autoridade na Igreja. É verdade, pela positiva, que a sinodalidade põe em jogo uma visão autêntica da Igreja como "povo de Deus" chamado a uma "comunhão em chave missionária".

Trata-se de um jogo entre participantes: todos nós, isto é, os membros do povo de Deus, que recebemos o dom do Espírito no batismo; alguns, aqueles que são chamados a exercer o serviço da autoridade na Igreja particular; e um terceiro, o sucessor de Pedro, chamado a exercer a presidência na caridade para o bem de todos e de cada um.

Avancemos com coragem e convicção

Uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta, tendo consciência de que escutar "é mais do que simplesmente ouvir". Trata-se de uma escuta recíproca em que todos têm algo a aprender. Todos os batizados, os bispos, o Papa: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o "Espírito da Verdade" (Jo 14,17), para saber o que "ele diz às Igrejas" (At 2,7). [...]

A sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, oferece-nos o quadro interpretativo mais adequado para compreendermos o próprio ministério hierárquico. Se compreendermos que, como diz S. João Crisóstomo, "Igreja e Sínodo são sinónimos", porque a Igreja não é mais do que o "caminhar juntos" do rebanho de Deus pelos caminhos da história ao encontro de Cristo,

Senhor, compreenderemos também que no seu seio ninguém pode ser "elevado" acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja é necessário que alguém se "rebaixe" para se colocar ao serviço dos seus irmãos e irmãs no caminho.

A direção só pode ser esta, porque este é precisamente o caminho da sinodalidade que Deus espera da Igreja do terceiro milénio!

Discurso programático do Papa Francisco, retomado no Documento Final, n. 118.

Quinta-feira, 19 de outubro

Consagrados e enviados para a missão

Todos nós, membros da Igreja e impelidos pelo mesmo Espírito, somos consagrados, ainda que de formas diferentes, para sermos enviados: pelo batismo, é-nos confiada a mesma missão da Igreja. Todos somos chamados e todos somos obrigados a evangelizar, e esta missão frontal, comum a todos os cristãos, deve ser um verdadeiro "acicate" quotidiano e uma preocupação constante da nossa vida.

É muito belo e estimulante recordar a vida das comunidades dos primeiros cristãos, quando elas se abriam ao mundo, que viam pela primeira vez com um novo olhar: era o olhar de quem tinha compreendido que o amor de Deus deve traduzir-se em serviço para o bem dos irmãos. A recordação da sua experiência de vida induz-me a reafirmar esta ideia central da encíclica *Redemptoris Missio*: "A missão renova a Igreja, fortalece a fé e a identidade, dá-lhe um novo entusiasmo e novas motivações; é dando a fé que ela se fortalece" (n. 2). Sim: a missão oferece-nos a oportunidade extraordinária de rejuvenescer e embelezar a Esposa de Cristo e, ao mesmo tempo, faz-nos experimentar uma fé que renova e fortalece a vida cristã, precisamente porque se dá.

Mas a fé que renova a vida e a missão que fortalece a fé não podem ser tesouros escondidos ou experiências exclusivas de cristãos isolados. Nada está tão longe da missão como um cristão fechado em si mesmo: se a sua fé é sólida, ela destina-se a crescer e deve abrir-se à missão.

Se todos os membros da Igreja são consagrados para a missão, todos são corresponsáveis por levar Cristo ao mundo com o próprio contributo pessoal. A participação neste direito-dever chama-se "cooperação missionária" e enraíza-se necessariamente na santidade de vida: só enxertados em Cristo, como ramos na videira (cf. Jo 15, 5), daremos frutos abundantes. O cristão que vive a sua fé e cumpre o mandamento do amor alarga os horizontes da sua ação até abranger todas as pessoas, através da cooperação espiritual na oração, no sacrifício e no testemunho, o que permitiu a Santa Teresa do Menino Jesus ser proclamada padroeira das missões, embora nunca tenha sido enviada em missão.

A oração deve acompanhar o caminho e a obra dos missionários para que a graça divina torne fecundo o anúncio da Palavra. O sacrifício, aceite na fé e sofrido com Cristo, tem valor salvífico. O testemunho de vida cristã é uma pregação silenciosa, mas eficaz, da Palavra de Deus. No mundo de hoje, as pessoas, aparentemente indiferentes à busca do Absoluto, experimentam de

facto a necessidade dele e são atraídas e impressionadas pelos santos que o revelam com a sua vida.

A cooperação espiritual na obra missionária deve ter como principal objetivo a promoção das vocações missionárias. Por isso, convido mais uma vez os jovens do nosso tempo a corresponder com um *Sim* ao apelo do Senhor se Ele os chamar a segui-lo com uma vocação missionária. Não há escolha mais radical e corajosa do que esta: deixar tudo para se dedicar à salvação dos irmãos que não receberam o dom inestimável da fé em Cristo.

Fonte: *Missionários de língua espanhola*.

Sexta-feira, 20 de outubro

Papa Francisco: Desejo uma Igreja orientada para a missão, onde caminhemos juntos para evangelizar.

Conferência: ***"Pastores e fiéis leigos chamados a caminhar juntos"***.

O caminho que Deus está a apontar à Igreja é precisamente o de viver, de forma mais intensa e concreta, a comunhão e o caminhar juntos. Convida-a a superar os modos autónomos de agir ou as linhas paralelas que nunca se encontram: o clero separado dos leigos, os consagrados separados do clero e dos fiéis, a fé intelectual de algumas elites separada da fé popular, a Cúria Romana separada das Igrejas particulares, os bispos separados dos sacerdotes, os jovens separados dos idosos, os esposos e as famílias pouco envolvidos na vida das comunidades, os movimentos carismáticos separados das paróquias, etc. Esta é a tentação mais perigosa neste momento. Existe ainda um longo caminho a percorrer para que a Igreja viva como um corpo, como um verdadeiro Povo, unido pela única fé em Cristo Salvador, animado pelo mesmo Espírito santificador e orientado para a mesma missão de anunciar o amor misericordioso de Deus Pai.

Este último aspeto é decisivo: *um Povo unido na missão*. E esta é a intuição que devemos guardar sempre: a Igreja é *o povo santo e fiel de Deus*, como afirma a *Lumen gentium* (n^{os} 8 e 12); não se trata de populismo nem de elitismo, é o povo santo e fiel de Deus. Isto não se aprende teoricamente; compreende-se, vivendo-o; depois, explica-se, tanto quanto possível. Mas, se não se vive, não se conseguirá explicar. Um povo unido na missão. A sinodalidade encontra a sua fonte e a sua finalidade última na missão: nasce da missão e está orientada para a missão. Pensemos nos primórdios do cristianismo, quando Jesus envia os Apóstolos e eles regressam felizes, porque os demónios «fugiam deles»: foi a missão que lhes deu aquele sentido de eclesialidade. De facto, a partilha da missão aproxima pastores e leigos, cria comunhão de propósitos, manifesta a complementaridade dos diversos carismas e, conseqüentemente, suscita em todos o desejo de caminhar juntos. Vemos isso no próprio Jesus que, desde o início, se rodeou de um grupo de discípulos, homens e mulheres, e viveu com eles o seu ministério público. Mas nunca sozinho. E quando enviou os Doze a anunciar o Reino de Deus mandou-os «dois a dois». Vemos o mesmo em São Paulo, que sempre evangelizou juntamente com colaboradores, incluindo leigos e famílias. Nunca sozinho. E o mesmo aconteceu nos momentos

de grande renovação e zelo missionário na história da Igreja: pastores e fiéis-leigos, juntos. Não indivíduos isolados, mas um povo que evangeliza, o povo santo e fiel de Deus!

Sábado, 21 de outubro

Testemunho e proclamação

A interconexão entre o testemunho cristão e a proclamação explícita do Evangelho encontra talvez a sua melhor expressão nas palavras atribuídas a S. Francisco de Assis: "Anuncia o Evangelho a todo o momento; se necessário, usa palavras". Como escreveu Paulo VI, "o primeiro meio de evangelização é o testemunho de uma vida autenticamente cristã" (*Evangelii Nuntiandum*, 41); e o documento insiste em que o anúncio "é o vértice e o centro da evangelização". O testemunho e o anúncio andam de mãos dadas. Como escreveu David Bosch, "a ação sem a palavra é muda; a palavra sem ação é oca".

O testemunho da Igreja é, pelo menos, de quatro tipos. Num primeiro nível, há o testemunho de cristãos individuais: personalidades famosas, como Albert Schweitzer ou a Madre Teresa, e gente comum: pais, professores, trabalhadores. Em segundo lugar, temos o testemunho da comunidade cristã: a sua vitalidade, o seu espírito acolhedor, a sua atitude profética ou contracorrente em relação a determinadas questões. Em terceiro lugar, podemos falar do testemunho institucional da Igreja nas suas escolas, hospitais, serviços e centros sociais. Finalmente, há o "testemunho comunitário" de cristãos de diferentes tradições que vivem e trabalham juntos num diálogo contínuo. Como diz também o *Manifesto de Manila*: "Para que a tarefa da evangelização venha um dia a ser cumprida, temos de a levar a cabo juntos" (14).

João Paulo II falou do anúncio expresso do senhorio de Jesus e da sua visão do Reino de Deus como "prioridade permanente da missão" (*Redemptoris Missio*, 44). No entanto, este anúncio profético deve ser feito num clima de diálogo, tendo em conta a situação daqueles a quem a boa nova se dirige. Nunca pode ser feito sem o testemunho, porque "por mais eloquente que seja o nosso anúncio verbal, as pessoas acreditarão sempre primeiro naquilo que veem com os próprios olhos". Além disso, o anúncio deve ser sempre feito como um convite, respeitando a liberdade dos ouvintes. "A Igreja só propõe", insistia João Paulo II; "não impõe nada" (RM 39).

A missiologia constitui hoje uma área de leitura e de estudo muito apaixonante, num mundo globalizado e globalizante, onde as pessoas estão em movimento, onde as religiões estão a viver um renascimento, onde as sociedades multiculturais estão a proliferar... Além disso, num mundo ameaçado pela violência e pelo terrorismo..., a teologia e a pastoral estão a reconhecer que precisam de ser plenamente missiológicas. A missão não é algo que algumas pessoas especiais fazem em terras exóticas. Não é algo distante. Pelo contrário, é a realidade quotidiana da Igreja de hoje. A missiologia tornou-se a realidade quotidiana de uma teologia e de um ministério pastoral que procuram servir a Igreja de uma forma credível no mundo contemporâneo.

Stephen Bennett Bevans, SVD, sacerdote, teólogo.

Domingo, 22 de outubro

A missão cristã no século XXI

Este é um bom momento para os mensageiros do Evangelho recuperarem a experiência que está no centro das narrativas missionárias de Jesus (cf. Mt 10, anos pares), dizendo-nos que Ele enviou os seus discípulos sem outro poder senão a sua palavra e o dom da sua presença humana (dom da cura). Enviou-os numa nudez radical, sem mais poder do que o de serem pessoas crentes, para partilhar a vida com aqueles que os acolhiam, sem lhes impor quaisquer estruturas, dogmas ou verdades pré-fabricadas.

Pois bem, hoje podemos estar a viver um tempo privilegiado de emergência eclesial, em chave evangélica. O abandono das formas e estruturas do passado permite-nos abrir a mensagem de Jesus em todas as direções, para que os crentes de todas as culturas e lugares possam exprimi-la como desejam, criando a sua própria Igreja, em diálogo com cristãos de outras Igrejas e culturas.

Já lá vai o tempo em que pretendíamos converter os "infiéis" e estender as instituições da igreja ao mundo inteiro (como se tivéssemos a resposta para todos os problemas). Agora, queremos oferecer o testemunho do Reino, com uma palavra narrativa e não demonstrativa, com um exemplo de solidariedade fraterna e de celebração pascal, que reúne em forma de comunhão os diferentes grupos de cristãos. Queremos oferecer o grande tesouro de Jesus e temos de o fazer de forma humilde e generosa, porque um tesouro que se imponha acaba por se tornar uma obrigação e uma verdade que se demonstre torna-se banalidade ou ditadura mediática. Neste contexto, podemos e devemos oferecer um testemunho missionário ativo, assumindo, sem dúvida, as estruturas da ordem eclesial, mas articulando-as de forma generosa.

Não há dúvida de que a Igreja fez um admirável trabalho de globalização com essas estruturas que já pertencem ao passado, e poder-se-ia dizer que esse foi o primeiro sistema mundial em termos de direito e administração do sagrado. Mas esse mesmo triunfo, enquanto sistema, tornou-se uma grande fraqueza: a Igreja correu o risco de confundir a unidade como a uniformidade, a comunhão em Cristo como uma imposição sagrada, como uma ditadura, onde tudo é imposto de cima para baixo, sem que as pessoas e as comunidades possam individualmente exprimir o Evangelho de forma criativa, a partir das suas próprias opções culturais e sociais.

O que importa não é a mera tolerância exterior. Tolerância sem solidariedade e comunicação pessoal acaba por ser uma experiência de morte. Por isso, o que realmente importa é a capacidade de gerar vida: que os homens e as mulheres se descubram enriquecidos pelo dom de Deus (pela sua presença), para que o possam expandir e partilhar, abrindo um caminho de humanidade, neste tempo ameaçado pela morte.

O velho paradigma de um cristianismo sacral, bem centrado na sua verdade dogmática e dirigido por uma hierarquia que se apresentava como sinal do Cristo da glória, era belo, mas acabou. Por isso, a estrutura atual da Igreja Católica, que culmina na pirâmide da hierarquia, não parece ser a mais adequada para exprimir a experiência de Jesus e expandir um modo de vida em comunhão e tolerância. Não significa isto que estivesse errada ou desprovida de valores. O que acontece é que essa forma parece ter perdido a capacidade de anunciar o Reino de Jesus, a

partir da nova situação da história. Essa estrutura pode e deve continuar a desempenhar a sua função durante algum tempo, mas as águas da vida e do Evangelho estão a tomar outros rumos. Por isso, são necessários e estão a surgir (talvez já tenham surgido) novos paradigmas de comunicação e de fé cristã.

Pois bem: para além dessa Igreja-sistema, eleva-se e triunfa uma igreja que é livre em Jesus, uma igreja que se funda na graça pascal e se exprime sob a forma de alegria criativa e de comunicação gratuita, aberta a todos os homens e mulheres.

Xavier Pikaza, teólogo y filósofo